

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
CURSO DE TEATRO

LUCAS DE LIMA SILVA

A SAGA DE UM ARTISTA-DOCENTE:
Reflexões sobre trajetória, formação e transformação do ser/estar professor.

UBERLÂNDIA
2018

LUCAS DE LIMA SILVA

A SAGA DE UM ARTISTA-DOCENTE:

Reflexões sobre trajetória, formação e transformação do ser/estar professor.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Teatro da Universidade Federal de
Uberlândia – UFU, como requisito para a obtenção
do grau de Licenciado em Teatro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Paulina Maria Caon

UBERLÂNDIA

2018

LUCAS DE LIMA SILVA

A SAGA DE UM ARTISTA-DOCENTE:

Reflexões sobre trajetória, formação e transformação do ser/estar professor.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Teatro.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.º Dr.º Getúlio Góis de Araújo
ESEBA-Universidade Federal de Uberlândia

Prof.ª Dr.ª Mariene Hundertmarck Perobelli
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Artes – IARTE

Prof.ª Dr.ª Paulina Maria Caon
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Artes - IARTE
Professora Orientadora

Defesa realizada em 11 de julho de 2018.

UBERLÂNDIA
2018

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores e professoras desde a educação infantil ao curso de Teatro-UFU, que participaram ativamente dos meus momentos de angústias, descobertas e conquistas.

À Paulina que me acompanha em minha trajetória artística, não desistindo de mim e me incentivando – sempre – a seguir em frente... Os agradecimentos são para uma vida inteira, além das palavras.

A Getúlio Góis que acompanhou meu percurso nos estágios e, percebendo a bagunça que eu era/estava naqueles momentos, sempre tinha uma “frase de impacto” para me fazer refletir e transformar meus pensamentos e ações.

Aos Truões – Amanda Aloysa, Amanda Barbosa, Andressa, Cida, Laís, Ricardo, Ronan e Thiago – que são parte de um novo ciclo de vida e me deram a oportunidade de descobrir novos horizontes em mim e no mundo.

Aos amigos especiais Camila Ruth, Carol Evangelista, Célio D’Ávila, Giovanna Parra, Gustavo Bacci, Juliana Marques, Kairo Morlin, Mario Leonardo e Tamara dos Anjos; que acompanham todas as minhas crises e angústias com a universidade e a vida, me mostrando que a amizade é mais que um rótulo: é um estado de espírito.

Ao meu grande amigo Pedro Bento – o Pedro da Física de Materiais, como eu o apresento – que está comigo todos os dias, me fazendo companhia mesmo que em pensamento e me incentivando a acreditar em mim seja em nossas conversas, seja nos gestos simples em nossos encontros no cotidiano;

A R. Salviano, amigo e anjo da guarda, por todo carinho; por me apresentar ao PeriferArte e me proporcionar o olhar para um novo ciclo em minha vida.

A Juliana Trindade e Neto Capoeira, por me receberem no PeriferArte e em suas vidas.

A todas as pessoas que conheci no PeriferArte e no bairro Canaã em geral que transformaram minha essência humana e artística.

À minha mãe Gorete, meu pai “Nadico” e minha avó Isaura por tudo que fizeram e fazem por mim; atravessando intempéries e desmembrando os desgostos e desencontros, seguimos firmes em nossa parceria de vida – prontos para as próximas intempéries.

A todas as pessoas que fizeram, fazem e farão parte da minha história, como reconhecimento da importância de todas nos meus caminhos e sentimento profundo de gratidão por tudo.

RESUMO

O presente trabalho é um memorial de minha trajetória de vida e das experiências como artista-docente que instigaram reflexões sobre o ser/estar professor.

Nele, mergulho na memória para encontrar em minha trajetória as primeiras manifestações artísticas que desabrocharam em mim ao relacionar-me com o mundo, tecendo um manto de conexões entre essas experiências e suas reverberações em minha formação como ser humano. Experimento o exercício de fiar minha Linha da Vida, identificando traços da relação artística com o mundo que ainda reverberam em mim.

Caminhando em direção às implicações que me levaram a refletir sobre minha experiência como mediador de experimentações teatrais, pontuo inquietações e dificuldades relativas à licenciatura durante minha graduação em Teatro na UFU. Como um contraponto, identifico vivências fora da Universidade que me instigaram a entender melhor meu confronto com a arte de ser professor.

Para desenvolver essa reflexão, escolho uma das experiências que tive como oficinairo de teatro, desmembrando o passo a passo da identificação de um possível fracasso como coordenador do processo. A partir desse recorte específico, proponho uma reflexão sobre a importância da experiência destacada como disparadora da escolha profissional e poética do artista-docente que pretendo me descobrir e construir: o professor-jogador.

Palavras-chave: trajetória, formação e transformação do professor, experiência, teatro, professor-jogador.

ABSTRACT

The present work is a memorial of my life trajectory and the experiences as an artist-teacher that instigated reflections on being (profession) / being (briefly) a teacher.

In it, I dive into memory to find in my trajectory the first artistic manifestations that unfolded in me as I relate to the world, weaving a mantle of connections between these experiences and their reverberations in my formation as a human being. I experience the exercise of spinning my Life Line; identifying traces of the artistic relationship with the world that still reverberate in me.

Walking towards the implications that led me to reflect on my experience as a mediator of theatrical experiments, I punctuate concerns and difficulties related to the degree during my graduation in Theater at UFU. As a counterpoint, I identify experiences outside the University that instigated me to better understand my confrontation with the art of being a teacher.

In order to develop this reflection, I choose one of the experiences I had giving theatre workshops, dismembering the step by step of identifying a possible failure as coordinator of the process. From this specific clipping, I propose a reflection on the importance of the outstanding experience as a trigger for the professional and poetic choice of the artist-teacher that I intend to discover and build: the teacher-player.

Keywords: trajectory, teacher formation and transformation, experience, theater, teacher-player.

SUMÁRIO

[apresentação]

A lenda do Professor-Jogador	1
------------------------------------	---

CAPÍTULO UM

A Linha da Vida	3
Que nem Maré	3
Olha pro Céu	7
Encontros e Despedidas	10

CAPÍTULO DOIS

Desencontros	14
Lá vem o Estagiário	15
De Ponto em Ponto, o Cerrado é o Nosso Conto	17
Versos e Vértices	20
Com os Truões	21

CAPÍTULO TRÊS

Sobre os Aperreios de Quando Arrocha o Nó	25
Estamos Acordados?	26
Amontoado	30
Desfiando a Linha da Vida	32
Quando o Professor Perde a Partida	35

[considerações finais]

Do Som das Memórias ao Tom dos Caminhos	38
---	----

Referências Bibliográficas	43
---	----

A LENDA DO PROFESSOR-JOGADOR

[apresentação]

Reza a lenda que a lenda já é reza se passada adiante. Mas também reza a lenda que a reza solitária é só de ponto. E pra quê tanta reza se a lenda é só poeira na estante? Rezo a lenda, mas a fonte dos boatos eu não conto. (LUCAS MALI, 2018)

Nem só de andanças se faz uma história. Talvez o principal seja tudo que nos movimenta internamente, os impulsos primários do reconhecimento de si, para reconhecer o outro e nele se encontrar. Tudo tem o seu passo a passo, seja largo ou miúdo. E tem muita lenda por aí sobre isso e tudo que há (provavelmente essa fala é mais uma delas).

Mas esse processo dos reconhecimentos é longo e repleto de altos e baixos. Eu me propus a encará-lo e, neste trabalho, traço linhas e pontos do memorial de meu percurso enquanto estudante de licenciatura do Curso de Teatro-UFU¹. Nele, faço um recorte da experiência a partir das inquietações, desafios e bem-aventuranças que emergiram no meu processo de formação como artista-docente até aqui.

Para tanto, dedico o primeiro capítulo a um mergulho na memória para encontrar em minha trajetória as primeiras manifestações artísticas que desabrocharam em mim ao relacionar-me com o mundo. Tecendo um manto de conexões entre essas experiências e suas reverberações em minha formação como ser humano, experimento o exercício de fiar minha Linha da Vida. Nela, traço meus primeiros contatos com a arte e aproveito para reavivar em mim a simplicidade e riqueza dos pequenos detalhes que alimentam nossa seiva do existir.

No segundo capítulo, caminho em direção às implicações que me levaram a refletir sobre minha experiência como mediador de experimentações teatrais. Pontuo inquietações e dificuldades relativas à licenciatura durante minha graduação em Teatro na UFU, identificando vivências fora da Universidade que me instigaram a entender melhor meu confronto com a arte de ser professor.

Para desenvolver essa reflexão, no terceiro capítulo escolho uma das experiências que tive como oficinairo de teatro, desmembrando o passo a passo da identificação de um possível fracasso como coordenador do processo.

¹ Universidade Federal de Uberlândia.

Elegendo essa situação concreta como um tema e um desafio para mim, concluo o presente trabalho com uma reflexão sobre a importância da experiência destacada como disparadora da escolha profissional e poética do artista-docente que pretendo me descobrir e construir.

Subindo degrau a degrau, passo por passo num movimento constante de descobertas, me reencontro em minha trajetória e, com afeto, desejo que mais artistas-docentes possam encontrar-se com a arte que existe em cada um. Que possamos bailar na tempestade de verão.

Dermeval Saviani² (1996), ao falar sobre “A formação do educador e os saberes que a determinam”, usa o significado do verbo determinar – por ele descrito como delimitar, dar contorno a, circunscrever, configurar – como um disparador para a reflexão acerca do que “é necessário a alguém saber para se constituir, para se converter em educador” (p.145).

Assim sendo, partirei da ideia de “dar contorno a” para falar um pouco sobre a esfera cultural da constituição desse ser educador, mais especificamente, o educador em artes.

Esse “dar contorno a” pressupõe que a seiva – a matéria prima fértil e abundante – já existe. E aqui gostaria de compartilhar um pensamento em que deposito minha fé: o ser humano enquanto arte pelo simples fato de existir; a vida como uma manifestação artística, assim como a morte, a inércia, do primeiro verbo ao morrer da última estrela. Buscarei dar contorno a esse educador que já é uma manifestação artística e cultural, cuja trajetória de vida será o lápis que desenha a forma. A partir da reflexão sobre a formação desse educador, importando sua história e os caminhos percorridos, lanço um olhar sensível para minha trajetória a fim de encontrar o marco zero desse contorno na “Linha da Vida”.

Busquemos na memória os primeiros encontros com o mundo, as primeiras conexões e trocas de “saberes” feitas em nossas vidas. O exercício que me proponho a fazer agora – confesso – não é fácil: acolher-me em minha própria história, refletir sobre meus caminhos e vivências que são parte da minha formação. Sigamos!

QUE NEM MARÉ³

Segundo minha avó Isaura, a primeira música que aprendi a cantar foi *Convite de Casamento – Gian e Giovani*⁴. Ao lado do chiqueirinho em que eu passava as tardes

² Dermeval Saviani é professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas. Professor Emérito da UNICAMP, Pesquisador Emérito do CNPq e Coordenador Geral do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e educação no Brasil (HISTEDBR). Possui graduação em Filosofia e doutorado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1966)

³ Música composta por Jorge Vercillo.

até meus 3 anos de idade, ficava um rádio velho ligado dia e noite em nossa casa. *Convite de casamento* fazia muito sucesso nas emissoras de rádio e tocava várias vezes ao dia. Minha avó conta que foi a primeira música que cantei. Não me lembro de cantá-la, mas me lembro de ouvi-la. Ainda hoje, sempre que ouço essa canção, lembro perfeitamente da textura áspera da madeira do chiqueirinho, das 3 caminhonetes de brinquedo que dentro dele ficavam e do cheiro do café da tarde. Com certeza, hoje dou ênfase de uma maneira mais intensa e poética a esses pequenos detalhes, como os cheiros e texturas, que provavelmente me passavam despercebidos pelo consciente à época.

Como pensar na minha primeira lembrança do cheiro do café da tarde sem me lembrar de todos os outros cafés da tarde com minha família? Como pensar no cheiro do café sem me lembrar de minha avó, minha mãe ou minhas tias à beira do fogão preparando-o? Cheiros, texturas, imagens, sons, elementos que suscitam uma memória viva, uma memória corporal e afetiva que está para além de recordação, que está em quem somos e em nossa relação com o mundo. Na memória, essa é a primeira parada que faço em minha Linha da Vida: a primeira lembrança que traz consigo as pessoas, o som, o cheiro, os objetos de contato e suas texturas. É aqui a primeira curva e posso dizer que me colocou de frente a um novo caminho: ser e estar arte no mundo.

Não consigo encontrar nenhuma lembrança que não tenha seu tema musical, que não tenha uma canção – mesmo que apenas uma melodia, real ou inventada – na minha trajetória. A música se tornou um elemento de grande importância para mim. Ouvíamos diversos estilos musicais em nossa casa: desde a Jovem Guarda aos energizantes forrós que sempre estiveram presentes no meu coração. Minha família por parte de mãe veio de Barcelona, no Rio Grande do Norte, para trabalhar nas fazendas que circundavam Capinópolis-MG, a cidade em que nasci, cresci e da qual me despedi aos 17 anos.

*Magníficos, Calcinha Preta, Banda Calypso, Mastruz com Leite, Limão com Mel, Forró da Brucelose*⁵ e tantas outras bandas me acompanharam desde criança – fosse no toca-fitas, nas *jukebox* dos bares próximos da nossa casa ou nas tardes de violão e vozes cantantes que faziam do nosso quintal o melhor lugar do mundo. O forró era presença marcada e marcante.

⁴ Dupla sertaneja brasileira formada em Franca-SP (1988). A música *O grande amor da minha vida*, mais conhecida como *Convite de Casamento*, gravada por Gian e Giovani é composição de Jefferson Farias e Nino

⁵ *Magníficos, Calcinha Preta, Banda Calypso, Mastruz com Leite, Limão com Mel, Forró da Brucelose* são bandas brasileiras de forró e *bregapop* que iniciaram carreira nos anos 90 no norte e nordeste do Brasil.

Aos meus 12 anos, decidi aprender a tocar violão, pois queria fazer todos os solos do *Ximbinha*⁶ e poder cantar todos os meus forrós preferidos. A partir de então, muitas coisas aconteceram: aprendi a tocar violão, descobri que gostava de cantar, que gostava de compor e percebi que a música é mais que prazerosa, é essencial à minha existência. A primeira morada que construí em minha formação como artista-docente foi me perceber música no mundo e o mundo música em mim. Sobre isso, voltarei a falar mais à frente. Por ora, seguirei pontuando essas pequenas moradas construídas ao longo da minha Linha da Vida.

Tive a oportunidade de conhecer a maior contadora de histórias de todos os tempos. Claro, essa é uma maneira de enaltecer uma mulher guerreira, dentre as tantas guerreiras de minha vida, por quem tenho profundo amor e respeito: minha avó Isaura. Mas nem sempre a vi como uma contadora de histórias. Só agora, aos meus 23 anos, encontro nela minha referência e inspiração no que se refere ao teatro. Lembro com muita saudade das tardes e noites sentados no quintal ou na calçada frente à nossa casa: eu, minha mãe, minha avó, tios e/ou vizinhos. Posso me encontrar ali aos 7 anos, depois de voltar da escola e minha mãe chegar do trabalho; aos 8 anos, 9, 10, 11 anos e até mesmo aos 23, na última visita que fiz à nossa antiga casa. Digo nossa “antiga casa” porque não moro mais lá, minha mãe também não; minha avó ficou e diz que ali ficará até seu último suspiro. Por mais que me refira àquele lugar como “antiga casa”, ainda é meu abrigo, meu lugar de aconchego, onde me conecto com quem sou e me renovo.

Voltando às tardes e noites de conversa, esse era o momento mágico do dia: o momento em que minha avó nos contava histórias de bruxaria, de lobisomens e mulas sem cabeça; histórias dos seus tempos de nordeste quando criança, dos bailes de fazenda na mocidade, até mesmo piadas e contos que, segundo ela, são verdadeiros. Mas não era uma contação qualquer. Sempre que ia (colocarei no passado pelo acesso à memória, mas o processo continua o mesmo) descrever alguma ação em sua história – como bater palmas à porta da casa de alguém –, ela se levantava da cadeira de fios verdes e fazia exatamente a ação descrita. Muita convicção na veracidade da história e mais ainda em sua interpretação: ela nos conquistava, seus espectadores, e nos convidava a imaginar de fato a ação e toda a trama. Conseguia imaginar-me sujeito da ação, o personagem da história.

⁶ Guitarrista e produtor musical. Fundador da *Banda Calypso* e *Banda X*.

Se no corpo ela trazia elementos que pudessem nos aproximar de sua aventura, na voz ela derrubava qualquer argumento que pudéssemos levantar de que a narração era uma mentira. Os momentos de tensão, os momentos de descontração, as canções ou onomatopeias da narrativa estavam seguramente incorporadas à sua contação. E assim acontecia todos os dias. Na verdade, talvez não tenha nos contado histórias todos os dias, mas essa é uma lembrança tão marcante que, no corpo, na mente e no coração, tenho a sensação de que por horas, todos os dias, fui embalado pelos contos de Isaura.

Aqui está minha segunda morada, construída no quintal de casa, em que ecoará sempre o tom da voz, as risadas e sorrisos de minha avó; contemplarei o corpo miúdo, de pele negra, cabelo ralo e tingido, me acolhendo em minhas angústias, colocando-me de pé nas batalhas do cotidiano e me embalando em histórias – fazendo-se história em mim e lado a lado comigo na construção de minha própria aventura. Nessa morada estão minha avó, suas histórias e a herança artística que recebi: a cadeira de fio agora imaginária – inspirada na boa e velha cadeira de Isaura – em que hoje me sento ao contar histórias para outras pessoas. Cadeira que levo a todos os lugares em que vou e que convido outros a se sentarem também, propondo que cada momento seja uma troca.

Aqui descubro o fantástico, o lúdico e a narrativa como elementos atemporais das relações. Ao contar a história do contar das histórias, “a saudade bateu, foi que nem maré: quando vem de repente de tarde, me invade, transborda esse bem me quer. A saudade é que nem maré”, no furor da manhã ou na calmaria do entardecer – todos os dias.

Aos 11 anos construo uma das mais importantes moradas de minha Linha: o eu no mundo. Acredito que aqui começo a construir contornos, criar formas para o eu e perceber melhor como é estar no mundo pelo âmbito das relações. Começo a verificar que todas as nossas ações são elementos que tecem as relações que construímos: a maneira como nos dirigimos às pessoas, como nos portamos e cuidamos do espaço em que estamos etc. Nesse momento de minha trajetória, dois grandes pilares das relações foram conscientemente erguidos: eu na escola e eu no trabalho.

OLHA PRO CÉU⁷

– É São João, minha gente! É São João na roça, São João na igreja, São João no abrigo e, o mais importante, é São João na escola. E como eu gosto de uma festa de São João!!! É comida, é pescaria, é forró, é quadrilha... Se eu vou dançar esse ano? Quero ver um ano que eu não dance, nem que seja agarrado na vassoura, dois pra lá e dois pra cá.

Dançar São João na roça é muito bom, mas dançar São João na escola era o momento mais aguardado do ano por mim. Aliás, aos meus olhos era São João todo dia na escola: os pulsos da música e da dança eram o pulso do meu bem querer estar ali.

Estar na escola sempre foi uma experiência calorosa para mim. Sempre vi aquele espaço como um lugar de novas experiências. Era fascinante conhecer pessoas diferentes, com histórias diferentes, jeitos de falar, andar, se vestir, correr, saltar, contar histórias. Professoras e professores muito bem me recebiam e, de alguma maneira, sentia que me acolhiam. Na época, não me colocava a pensar sobre o que me fazia sentir acolhido; apenas me permitia viver a escola nossa de cada dia, com todos os encantos que me convidavam a estar bem ali: encontrar os amigos, fazer novos amigos, descobrir novos conhecimentos das várias matérias do ensino fundamental e, claro, a merenda.

Chegávamos – eu e os companheiros de cada dia – pelo menos 20 minutos antes da primeira aula para garantir que encontraríamos alguém que, não gostando da comida da escola, pegaria um prato para complementarmos os nossos. Alguns chamam isso de gula, nós chamávamos de “garantir o pão”. Sempre com uma leveza de brincadeira, nós deixávamos mais prazerosos nossos dias na escola. Não citarei nomes para não correr o risco de esquecer um ou outro que, não sendo mais ou menos importante, tem seu lugar em minha memória e é parte viva de cada palavra: meu respeito e admiração a todos e todas.

Mas nem sempre foram mil maravilhas, principalmente nos primeiros anos de Ensino Fundamental. Aos 11 anos, começando a 5ª série na Escola Estadual Governador Juscelino Kubitschek, eu era um garoto baixinho, gordinho, de pele negra, cabelo muito preto e liso, sempre repartido para o lado esquerdo, que sempre usava a camiseta ensacada na calça e uma botina ou chinelo. Alvo de piadas, muitas vezes eu ficava recluso nos cantos apenas cumprindo a obrigação de estar na escola e fazer o melhor

⁷ Música composta por José Fernandes e Luiz Gonzaga.

possível como estudante – assim como minha mãe me cobrava. Nem por isso a escola se tornou um lugar ruim para mim, mas que incomodou, incomodou.

Negro, gordo, “viado”: esses eram alguns dos apelidos dados a mim por meus colegas de sala. O que mais me perseguiu ao longo dos anos foi o apelido “beicudo”. Sempre tive os lábios grossos e carnudos, e durante muitos anos, dentre todas as ofensas, essa era a que mais me machucava. Hoje meus lábios são a parte do corpo que mais gosto. E esse movimento de olhar para dentro de si começa junto com a 5ª série do Fundamental.

Um dia, cheguei da escola, coloquei minha mochila na cama e me deitei: “por que todos riem de mim e não comigo?”, “por que não gostam de mim?”. Comecei a pensar nas coisas que eu poderia fazer para as pessoas me conhecerem, se aproximarem de mim. Então decidi que seria uma pessoa mais receptiva, o que na época eu chamava de “mais amiga”. Descobri que olhar nos olhos das pessoas era uma dificuldade minha, porque me sentia um estranho deslocado. Decidi falar com as pessoas olhando sempre nos olhos, dando real atenção ao que elas me diziam e acolhendo-as sinceramente nas minhas palavras – através do olhar. Descobri que gostava de abraçar, de cumprimentar, de receber bem as pessoas; então decidi dar sempre “bom dia”, “boa tarde” e “boa noite” (com sinceridade); decidi agradecer sempre por qualquer gesto dos outros com relação a mim e retribuir com o melhor que eu pudesse oferecer. Descobri que gostava de falar, que gostava de me comunicar com as pessoas e também de ouvi-las; então decidi não deixar esses momentos existirem apenas em pensamento e torná-los ação.

– “Olha pro céu, meu amor! Vê como ele está lindo” e deixa o céu te mostrar que você pode se encontrar em cada constelação, que pode ser parte delas também. Pular fogueira no São João também dá medo: dois segundos antes você pensa na possibilidade de não conseguir, quando está passando sobre o calor das brasas não sabe descrever ao certo o que sente, mas quando pisa de volta no chão e vê todos comemorando, você percebe que não é tão difícil assim – e já, já quer pular de novo.

Junto dessas mudanças pessoais que aconteciam por força das minhas reflexões, sentimentos e sensações das relações com os colegas de escola, mudanças mais formais também aconteciam.

No dia do meu aniversário de 11 anos comecei a trabalhar no Escritório de Contabilidade Rural de um amigo do meu pai – favores trocados, segundo eles. De segunda à sexta, todas as manhãs eu ia para o trabalho com camisa de uniforme do escritório (sempre ensacada), calça e tênis; procurava tratar todos muito bem e me

comportar “como um adulto”. Naquele momento da minha vida, eu precisava assumir responsabilidades concretas e era muito importante que eu não falhasse, provando dia após dia a minha eficiência. Essa era uma cobrança externa, da família – por parte de pai – e dos colegas de trabalho que me orientavam a “ser profissional para crescer na vida”.

Fazia diversos serviços: limpeza do escritório, café, entrega de documentos em cartórios, pagamentos em bancos etc. Na minha folha de pagamento, aquela verde com manchas de papel carbono, de textura lisa e sensível, estava escrito *Office Boy*. Eu não sabia o que significava, mas imaginava que fosse “o faz tudo”.

No ambiente formal de trabalho também não escapei às piadas e “brincadeiras” desnecessárias. No meu primeiro dia no escritório me deram minha primeira tarefa: lavar as folhas de papel carbono. Hoje sei que essa piada é batida, mas na época eu fiquei frustrado por lavar as folhas e elas rasgarem. Depois me contaram que era só uma brincadeira. Apesar da frustração, eu ri junto deles e comecei a entender que, para estar ali, eu precisaria fazer o mesmo que estava fazendo na escola: pensar minhas ações no que diz respeito ao meu relacionamento com as pessoas no meu dia a dia.

Apesar da importância desse movimento de entender a minha presença em sociedade, me coloco a pensar também sobre esse esforço que fazemos em nos encaixarmos nas formas dadas. Muitas vezes negamos a nós mesmos; negamos nossa essência e abundância de ser humano no mundo em troca de nos fecharmos numa forma exigida pela sociedade. Mas essa não era uma reflexão existente à época, é um pensamento suscitado hoje ao olhar para minha trajetória. Mais que a ideia de camaleão, aos meus olhos a ideia de espelho representa muito bem a performatividade de nossas relações sociais. Tanto no sentido da imitação vazia das ações e reações dos indivíduos no ambiente em que precisamos nos encaixar – em que apenas um é o condutor da relação e o outro é apenas o imitador –, quanto na ideia mais ampla dessas próprias ações e reações – agora pensadas no sentido da troca consciente, da conexão e compartilhamento do que sou no encontro com o que é o outro.

Durante quatro anos trabalhei nesse escritório, até perceber que precisaria me dedicar aos estudos e decidir deixar o trabalho. Com 15 anos de idade, a experiência de trabalhar no comércio me proporcionou construir vários laços de amizades, conhecer pessoas e aprender com todas que passaram pela minha vida.

Antes que as divagações descarrilhem o fio do raciocínio, o que proponho ao relatar tanto a experiência “escola” quanto a experiência “trabalho” é estabelecer em

minha Linha da Vida um momento concreto de reflexão e movimento de transformação sobre mim. Aos 11 anos começo a pensar sobre a importância da maneira como estamos e agimos no mundo. Aos 15 anos percebi o quanto as relações são importantes para o ser humano, pois todas as vezes que andava nas ruas da cidade, a cada esquina encontrava algum conhecido que me cumprimentava, levando-me a pensar no quanto é bom ser uma pessoa que cultiva o bem em si e na relação com o outro. Aqui fica um pouco mais claro para mim a ideia de troca, de compartilhamento. Notava que as leis de ação e reação, tão estudadas na escola, existem não só no campo da física, mas em todas as esferas de relação do ser humano com o mundo. Aqui eu me reconheço um ser acolhido e acolhedor: eis mais uma morada, um palácio no céu e na terra. “Olha pro céu, meu amor! Vê como ele está lindo.”

ENCONTROS E DESPEDIDAS⁸

2010. Ano de expectativas. Familiares começam as cobranças de “o que eu vou cursar na faculdade”, ao mesmo tempo em que amigos de escola compartilham comigo as mesmas cobranças oriundas de seus familiares. Começava o 1º ano do Ensino Médio, prometendo várias novidades como, por exemplo, a ramificação da matéria que, no Fundamental, conhecíamos como Ciências em Biologia, Química e Física. Cito primeiro a Biologia porque foi uma opção de graduação para mim. Adorava assistir documentários na televisão falando sobre os “mistérios da genética e da vida”:

– Quero mesmo é ser biólogo, conhecer Manaus e estudar as plantas. Eu vou salvar as plantas e os animais.

Por mais encantadora que fosse a ideia de ser biólogo, os caminhos foram outros: muitas curvas, quebras e deslocamentos.

Se até a 8ª série do Ensino Fundamental minha preocupação e de meus colegas era garantir alguém da turma para pegar um prato a mais na hora do recreio, agora o foco era outro: garantir que não nos separávamos.

Todas as manhãs, durante todo o Ensino Médio, fazíamos planos para o futuro: quais graduações poderíamos cursar, universidades em que poderíamos estudar, como

⁸ Música composta por Fernando Brant e Milton Nascimento.

faríamos para morar juntos e, mesmo que separados, que dinâmica de encontros teríamos. Claro, tudo dentro das possibilidades financeiras; mas o imaginário romântico adolescente permitia esses momentos de euforia fantástica.

Foram muitos planos diferentes e, em um específico, chegamos a pesquisar valores de aluguéis em Uberlândia-MG – onde estaria a Universidade mais próxima de nós para os cursos que não existiam no campus UFU-Pontal em Ituiutaba-MG. Fizemos uma lista das graduações que cada um gostaria de cursar e surgiram várias: Publicidade, Medicina, Direito, Jornalismo, Biologia, Física, Engenharia Mecânica, Matemática etc. Nesse momento iniciávamos o 3º ano do Ensino Médio. Minha opção de curso passou a ser Medicina, não por vocação ou instinto, mas por opiniões dos familiares que me “orientavam” a não “desperdiçar inteligência com algo que não desse futuro”.

Último dia de aula no 3º ano B – nossa turma. Quando ouvimos o sinal tocar pela última vez enquanto estudantes da Escola Estadual Sérgio de Freitas Pacheco, nossos corações foram ao chão: hora de despedir. Pode ser que as emoções adolescentes, fervorosas, intensas e agitadas, tenham deixado nossa despedida um pouco mais dramática, um tanto quanto exagerada. Mas era só o bem-querer que tínhamos uns pelos outros nos mostrando que, durante vários anos, tivemos encontros diários. Eles se fizeram mais claros para mim apenas no momento da despedida. Aqui construo uma morada profunda, intensa e misteriosa: o **encontro**, sobre o qual falarei melhor em breve.

Apesar de nossos esforços em continuarmos juntos após o Ensino Médio, cada um seguiu um caminho diferente (mudando para cidades diferentes ou permanecendo em Capinópolis; casando-se, tendo filhos ou imersos na rotina de seus trabalhos). Hoje, 2018, tenho raro contato com meus colegas de escola, mas tenho lembranças preciosas que me despertam o desejo do reencontro. Ali descubro que “a hora do encontro é também de despedida” e que “a plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar”. Cada estação, novos encontros e novas despedidas.

Escolhi fazer Teatro por curiosidade. Entrei no site da Universidade Federal de Uberlândia para decidir que curso colocaria na inscrição para meu vestibular e, sem saber ao certo do que se tratava, bisbilhotei as informações do curso de Teatro na página do IARTE-UFU.

Não entendi muita coisa. Nunca havia feito cursos ou oficinas de teatro, tampouco assistido a uma peça. Minha única referência era a televisão. Descobri que era

preciso fazer uma prova de Habilidades Específicas e, curioso que sou, decidi me inscrever para saber do que se tratava.

De início pensei que não havia passado. Durante os dois dias de prova – sábado e domingo – fizemos jogos de improvisação cujos comandos eram “ser fogo, ser água, ser terra e ser ar com o corpo e a voz”; ressignificamos objetos dando a eles outras funções que não suas originais; pulamos corda durante vários minutos. E em minha mente latejava: “o que diabos é isso?”. Passei na prova de Habilidades Específicas. Coloquei Teatro como opção de curso no vestibular. Passei no vestibular. Conteí para minha família e todos se desesperaram: ninguém conhecia teatro, ninguém sabia o que eu seria na vida, todos esperavam que eu fosse um médico, advogado ou aceitasse ser o *Office Boy*. Disse a eles que eu iria tentar descobrir o que era teatro e, quem sabe, um dia poderia explicar a eles. Não estou tão certo de que posso explicar o que é teatro, mas acredito que um dia poderei mostrar a eles – quem sabe até pela experiência direta na cena – o que é fazer teatro.

Antes de me matricular no curso, como uma última tentativa de me “salvar de uma presepada” – palavras de meu pai –, fui levado ao Teatro Vianinha, em Ituiutaba-MG, para assistir uma peça de Teatro pela primeira vez. *A Nova Roupa do Imperador*, peça produzida pela Confraria Tambor, foi meu primeiro contato com a cena no palco.

Não me lembro de quase nada do roteiro, da cenografia ou caracterização dos personagens, só consigo me lembrar do olhar de um dos atores ao parar mirando meus olhos e falar seu texto como se me convidasse a estar com ele – não fora, mas dentro da cena. Fiquei com aquele olhar no pensamento durante dias, meses e, ao que parece, anos. Ernane Fernandez⁹ é o nome desse ator, hoje colega de trabalho e amigo do dia a dia. A ele fica meu agradecimento por, num olhar, me mostrar que dentre tantas coisas, teatro é encontro.

Outubro de 2013. Ano de um novo ciclo. Talvez o mais intenso pelas responsabilidades e incômodos, encontros e despedidas de fantástica intensidade. O teatro e eu, eu e o teatro.

“Lucas de Lima Silva, Graduação em Teatro: Licenciatura – Integral. Matriculado.”

De pontos em pontos, de momentos em momentos, de curvas, traços, subidas, descidas e rolamentos, podemos traçar as linhas de nossas vidas a partir dos encontros.

⁹ Ator e professor de Teatro; egresso do curso de Comunicação Social e Jornalismo do Centro Universitário do Triângulo – UNITRI.

Lápis na mão, consciente ou não, iniciei os primeiros traços desse contorno. Mas a forma é fixa, é sólida e imutável? Como seria estabelecer uma forma para o educador e inseri-lo nos contextos de encontros? Quem se adapta a quê? Ou o que se adapta a quem? Podemos considerar, para além dos encontros que nos constituíram até aqui, aqueles encontros que ainda serão parte da nossa trajetória, e então entender a prática docente como um encontro do processo contínuo e necessário ao fiar da Linha da Vida. Partindo desse princípio, podemos entender o contorno como sendo mutável, o que nos exige uma dosagem de abertura, receptividade e parceria com essa mutação.

Construí um esboço dos primeiros encontros que fiz com a arte, seja nas lembranças musicais, nas contações de histórias de minha avó, nos detalhes singelos dos encontros cotidianos com o mundo e com as pessoas que conosco estão.

Nesse exato ponto, encontro um buraco no caminho: a rigidez do contorno, da forma; a não abertura, receptividade e parceria como a mutação necessária para que o novo encontro pudesse de fato se fazer vivo.

No próximo capítulo falarei sobre as dimensões do que se tornou o encontro para mim a partir das vivências artísticas experienciadas durante minha graduação – dentro ou fora do espaço da Universidade.

Curioso como a curiosidade é instigante, não é mesmo? Claro, vai depender daquele ou daquela que se depara com o novo. Em cada nova disciplina, em cada novo semestre do curso de Teatro, o novo me instigou a um estado de entrega e comprometimento que eu desconhecia.

Sem grandes referências teatrais como atores e atrizes famosos, teatrólogos com seus procedimentos de interpretação e atuação, cheguei ao curso de Teatro da UFU apenas com a cara e a coragem – como dizia minha avó. Tive a oportunidade de conhecer e acompanhar frente a frente diariamente minhas professoras, professores e, principalmente, meus colegas e minhas colegas de turma. Essas são as minhas maiores referências no teatro, pessoas com quem convivi em minha graduação, compartilhando experiências e descobrindo novos caminhos. E foi também durante a graduação que vivi os desencontros. O primeiro deles é com a escolha de fazer teatro.

No decorrer do curso, sempre ouvi professores e colegas de aula falando sobre a importância de se formar primeiro na licenciatura, de maneira a ter uma “garantia de trabalho”. Nunca quis ser professor. A cada vez que imaginava “ter que ser professor”, mais se criava em mim uma repugnância com relação à licenciatura. Afinal, se já havia saído de minha cidade para arriscar o novo e descobrir um lugar de fascinantes possibilidades artísticas como interpretação, atuação, dramaturgia e recursos audiovisuais, não “desperdiçaria minha criatividade sendo professor”. Que pensamento precipitado e arrogante – hoje percebo e observo a repetição, como um espelho, das críticas de meus familiares à minha escolha, imitando-os em criticar uma experiência antes mesmo de permiti-la acontecer.

Ao que parece, minha mente não conseguia imaginar um ator-professor. Ou seria ator... ou seria professor.

LÁ VEM O ESTAGIÁRIO

Em 2015 inicio meu Estágio Supervisionado I com as professoras Paulina Caon e Valéria Gianecchini. Paulina foi minha orientadora nos Estágios Supervisionados I e II, e posteriormente no Estágio de Interpretação e Atuação em Espaços Escolares.

Com muita dificuldade em lidar com a possibilidade de ser professor, comecei a criar bloqueios perigosos. Durante a graduação, comecei a dizer a mim e a meus colegas: posso até ser professor, mas serei um ator que também dá aulas, não um professor que também atua. Buscava sempre colocar-me como ator em primeiro lugar, alegando que dar aulas seria minha última opção.

No Estágio Supervisionado I fui destinado à Escola de Educação Básica da UFU – ESEBA, para acompanhar o trabalho do professor de teatro, Getúlio Góis. No dia em que fui à ESEBA pedir que a direção assinasse os meus documentos de estagiário, pensei que seria uma boa ideia me apresentar a Getúlio. O Teatro – assim como a Dança, Artes Visuais e Música – tem uma sala reservada para suas atividades, mas também suas aulas podem acontecer no anfiteatro da escola: é nele que grande parte das aulas de Teatro acontece. Desci as escadas, percorri os corredores, decidindo evitar mais escadas, até que cheguei ao anfiteatro. Vidros, vidros e mais vidros: nas janelas, na porta, nos portões móveis do espaço. Quando bati na porta, uma sombra começou a caminhar em minha direção, e a cada passo ficava maior e mais temida por mim:

– Sim?

– Oi. Eu sou o Lucas, aluno do Teatro, seu novo estagiário.

– Oi Lucas. Tudo bom? Volta depois que eu tô no meio de um exercício.

Porta fechando, coração acelerando: o que é que eu vim fazer aqui!!!!!! Entendi que o momento não era propício para uma conversa descontraída, afinal era horário de aula, e subi as escadas rumo à saída desejando que o estágio acabasse logo – antes mesmo de começar.

Penso nas primeiras experiências de estágio, olho para as experiências de escolhas da minha adolescência – como a prova de Habilidades Específicas – e logo percebo que “sofro por antecipação”.

– Mas calma Lucas. Dê uma chance – dizia a “pulguinha” da curiosidade.

A problematização da escola e do ensino regular era frequente nas aulas de Estágio I: a arquitetura que lembra um presídio, as regras e normas que “podam” os estudantes, os professores desinteressados pelas turmas. Nada disso me interessava. Eu

queria me lembrar da escola como o lugar em que sempre gostei de estar, lugar de fazer amigos e descobrir coisas novas. Comecei a problematizar a problematização excessiva da turma e decidi olhar para a escola como um espaço potencial para a criação justamente por sua arquitetura e sistematização das relações.

Mergulhei em desencontro à minha própria ideia. Chegava à escola descontraidamente, falava com os estudantes do 7º ano – a turma de Getúlio que eu acompanhava – como se fôssemos amigos de bairro. Acreditava que conseguiria “apresentá-los ao teatro que há no cotidiano” apenas pela ação de nos aproximarmos. Não pensei no como nem no porquê.

– Mas você acabou de dizer que acreditava conseguir apresentá-los ao teatro que há no próprio cotidiano, isso não era um porquê?

– Não. Era apenas uma ideia de que eu deveria ser assim, popular, como se estivesse nos meus tempos de escola. E não só com aquela turma, mas com todas, porque eu queria ser “verdadeiro” com eles.

Nesse momento eu começo a falar sobre a relação professor e estudante como tema de investigação da disciplina de Estágio Supervisionado I – que dou continuidade no Estágio II. Ainda com o olhar muito raso e estreito, considerava a necessidade de o professor se aproximar de sua turma no sentido de se conectar a ela de alguma maneira – desconhecida ainda por mim – como um facilitador da experiência de fazer teatro (na escola, nesse caso).

Num recorte específico, me lembro de uma conversa com Getúlio durante o intervalo do recreio:

– A gente só aprende a ser professor dando aula.

– Deve ser difícil ser professor de teatro na escola, né?

– No início eu sempre vinha de calça jeans pra ESEBA. Aos poucos comecei a vir de bermuda, isso ajuda a deixar a turma mais à vontade. Porque aí eles olham e pensam: poxa, o professor tá de bermuda, o professor tá rolando no chão, o professor tá descalço. Suas ações como professor são importantes para a relação que se constrói com a turma. São essas pequenas coisas que ajudam eles a entender que eu não sou a figura que vai mandar e desmandar, e que a nossa relação não será somente isso.

Depois desta conversa, comecei a refletir sobre a sinceridade do professor. Não só na comunicação verbal, mas principalmente na comunicação corporal. Desde ser coeso com suas escolhas artísticas na vestimenta ou forma de caminhar-gesticular-olhar até sua presença nas atividades que propõe.

Enquanto as experiências nos estágios me roubavam o sono, outras vivências artístico-pedagógicas aconteciam fora da vida acadêmica e me proporcionavam reflexões com relação às inquietações que me cercavam no cotidiano da Universidade.

Dali em diante, comecei a trabalhar meus preconceitos com a ideia do artista-docente, tentando me permitir viver as experiências com professores e como professor, ampliando meu olhar sensível sobre meu próprio fazer artístico e, num exercício de autoconhecimento, buscando compreender minhas dificuldades no ser/estar professor.

DE PONTO EM PONTO, O CERRADO É O NOSSO CONTO

Em janeiro de 2015, Capinópolis estava repondo energias após as festividades de Santos Reis e, numa noite de domingo, lá estava eu: deitado em minha antiga cama, no meu antigo quarto, na minha antiga casa – aproveitando um pouco o silêncio.

Um grande amigo me ligou naquela noite: Rodrigo Salviano¹⁰, uma das primeiras pessoas com quem fiz amizade ao ingressar no curso de Teatro. Quando comecei a frequentar o bloco 3M, Salviano – assim ele prefere ser chamado – estava em seu último ano de curso. Eu não imaginava que estava conhecendo uma pessoa que transformaria minha vida por sua sinceridade, carinho e receptividade.

Naquela noite em 2015, Salviano me convidou para compor a música tema da quadrilha Farejador de Forró, projeto de dança da ONG PeriferArte, que competia no Festival de Quadrilhas promovido pela Prefeitura de Uberlândia. No Farejador dançavam adolescentes participantes das atividades do PeriferArte: capoeira, dança do ventre, oficinas de teatro, artesanato, *hip-hop*, entre outras. Salviano me explicou que, naquele ano, o tema da quadrilha seria “as flores do cerrado, as flores e cores que contam a história do cerrado”. De imediato aceitei o convite, mas não conhecia a ONG, apesar de ele ter me convidado várias vezes a participar das atividades ali desenvolvidas.

A ONG PeriferArte surgiu através de um projeto cultural que aconteceu em 2007 intitulado “PeriferArte”, aprovado pelo antropólogo Marcio Bonesso¹¹ na Secretaria Municipal de Cultura. O projeto consistia na visita de Marcio e sua equipe a

¹⁰ Egresso do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

¹¹ Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (2002). Mestre em Ciências Sociais com ênfase em antropologia pela Universidade Federal de São Carlos (2006). Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar.

uma periferia de Uberlândia para mapear as atividades artísticas que aconteciam nos fins de semana – com artistas e comunidade. Na época, Juliana Trindade¹² era integrante do Grupo Baiadô de danças populares, convidado por Marcio a participar do projeto. Ela pensou que o evento beneficiaria o bairro Canaã e propôs que o projeto acontecesse lá. Juliana e Neto, seu esposo, realizavam rodas de capoeira para crianças e jovens semanalmente em sua casa – localizada no bairro Canaã –, o que facilitou a receptividade dos moradores do bairro por conhecerem o casal.

No dia 14 de abril de 2007 o projeto realizou – nesse bairro – um espetáculo que juntava todas as linguagens artísticas encontradas ali por Marcio e sua equipe.

Ao fim do projeto, Juliana pensou no que poderia ser feito para dar continuidade à proposta, pois a comunidade do Canaã se identificou com o trabalho e manifestou interesse em continuar as atividades artísticas.

Nasceu oficialmente em 2007 a ONG PeriferArte, começando com apresentações e intervenções artísticas feitas nas ruas do bairro Canaã e em escolas que hoje são parceiras da ONG – Escola Municipal Josiany França e Escola Estadual Mario Porto. Juliana e seus parceiros de projeto alugaram um espaço no fim do bairro, mas logo depois alugaram outro: uma casa próxima à E.M. Josiany França, onde ficaram até 2016.

Com muitas despesas para arcar, a ONG não conseguiu manter o aluguel do espaço e, para não interromper o projeto que havia dado certo e conquistado visibilidade social em Uberlândia, algumas atividades foram transferidas para as escolas parceiras – como algumas oficinas e rodas de capoeira – e outras para a casa de Juliana, que passou a ser conhecida como a nova sede do PeriferArte.

Juliana foi para Portugal no segundo semestre de 2016, finalizando sua graduação em Teatro e ingressando no Mestrado em Artes Cênicas. Lá ela decidiu ficar. Lá ela se encontrou em um novo ciclo. Sentimos falta de sua energia, sua força e coragem, seus conselhos e sua amizade; mas sabemos que ela continua conosco assim como continuamos com ela. Neto segue coordenando as atividades da ONG, ainda em sua casa, junto com sua filha Bárbara.

Quando encontramos um lugar que nos envolve em alegria e nos traz paz interior, tempo e espaço parecem se dilatar. Estar no PeriferArte era (e ainda é) como estar em casa, com os amigos e a família. E muitas vezes voltei ao passado ao sentir o

¹² Egressa do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

cheiro de café, ao ouvir as risadas quando alguém contava uma história, ao cantar descontraidamente com os adolescentes da quadrilha durante as dispersões nos ensaios.

Convidado para compor a música tema da quadrilha, em duas semanas eu já estava ensaiando a coreografia com o grupo, pois não consegui ficar fora da dança. Num convite espontâneo, passei a integrar o Farejador de Forró como dançarino no ano de 2015 e permaneci em 2016, ano das últimas apresentações do grupo.

Sobre o movimento que me aproxima do PeriferArte, do bairro Canaã e das pessoas que tive a felicidade de conhecer ali, acredito que seja uma identificação, que seja uma conexão com a maneira das pessoas se expressarem: gestos exagerados e descontraídos de vizinhos que se conhecem há anos; sinceridade e objetividade de familiares que querem dar um “bom puxão de orelha quando necessário”; despreocupação com “o que as pessoas vão pensar de mim”, seja no gosto musical, na roupa que visto, no meu jeito de caminhar ou de sorrir.

São pessoas que se encontram pelo fazer artístico como potência da vida, seja com relação ao congado, às festividades de Santos Reis, às festividades Juninas ou simples compartilhamento momentos de descoberta pessoal. A tristeza maior de estar no PeriferArte era a hora de embarcar no ônibus de volta ao bairro Santa Mônica ou, como dizia Salviano, ao “pombal”.

Com o passar do tempo, comecei a estar em outras atividades na ONG, como participante de oficinas de dança e música, como proponente de oficinas curtas de teatro e música, como visitador do espaço para conversas cotidianas com as pessoas que encontrava ali. Destaco Gabriela, que foi minha parceira de quadrilha, e Regina – sua mãe. Construimos um forte laço de amizade que perdura até hoje. Foram pessoas essenciais na minha chegada ao PeriferArte, pois muitas vezes me sentia um pouco solitário por não conhecer quase ninguém que frequentava o espaço. Elas sempre me incentivaram a pensar pelo outro lado: se não conhecia, aquele era o momento de conhecer e me permitir ser recebido naquele lugar como parte importante do todo.

Finalizamos as apresentações do Farejador de Forró em julho de 2016. Eu não queria deixar as atividades da ONG, não queria me afastar das amizades construídas, e os participantes da quadrilha me disseram várias vezes para continuar com eles. Gabriela e Regina sugeriram que eu fosse oficineiro no PeriferArte ainda naquele ano.

Foi então que me lembrei do Estágio Supervisionado III: o COMUFU¹³. Nesse estágio, os estudantes do curso de Teatro ministram oficinas de um semestre letivo abertas à comunidade Uberlandense.

Em setembro de 2016 comecei a ministrar minha oficina COMUFU no PeriferArte, finalizando em outubro do mesmo ano com um singelo lanche de despedida e agradecimento.

VERSOS E VÉRTICES

Outubro de 2016. Salviano era “professor de artes” numa escola pública de Tupaciguara, sua cidade natal. Paralelamente, ele e alguns de seus amigos da cidade desenvolviam um projeto chamado Casa Plural, cuja proposta era a realização de atividades artísticas – como oficinas, rodas de conversa e apresentações – com a participação da comunidade de Tupaciguara.

Assim como aconteceu com o PeriferArte, a Casa Plural foi um espaço que demorei a conhecer apesar dos vários convites de Salviano.

Em 2016 ele me propõe uma parceria: a oportunidade de eu oferecer uma oficina para os frequentadores da casa Plural com um valor de troca. Aceitei o convite e planejei uma oficina que fosse voltada para a Composição Musical a partir de experimentações com a expressão corporal: versos e vértices na memória corporal. Salviano foi me buscar de bicicleta na rodoviária. Seguimos até a Casa Plural conversando e rindo de nós mesmos, “cortando as ruas sobre duas rodas”.

Seriam três dias de oficina: a sexta-feira à noite, o sábado pela tarde e o domingo como dia de compartilhamento de algum resultado do trabalho. Pernoitei na própria Casa Plural, uma casa comum como minha antiga casa, porém cheia de livros, brinquedos, tecidos e figurinos. Num dos cômodos havia um quarto com uma cama de solteiro e um baú de guardar roupas de cama: meus aposentos.

Cito esta vivência para destacar dois pontos importantes que permeiam minhas experiências artístico-pedagógicas fora da Universidade.

¹³ O Projeto COMUFU agrega atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão através de oficinas ministradas por graduandos em Teatro para a comunidade de Uberlândia-MG. Integra os Estágios Supervisionados III e IV juntamente das disciplinas Oficina de Montagem I e II da licenciatura em Teatro.

O primeiro ponto é a relação que faço da minha antiga casa, em que identifico fortes primeiros contatos com o teatro, com os espaços em que me propus a ser mediador do fazer teatral de um grupo de jovens. Tanto no PeriferArte como na Casa Plural e em outros espaços visitados no intuito de mediar um encontro artístico, o clima era sempre de simplicidade, de humanidade no sentido essencial dos sentimentos. Conversas descontraídas e sem mascaramentos sociais, corpos disponíveis e receptivos ao encontro, pessoas que já se conheciam em seus laços de amizade tecidos.

Os cenários eram sempre muito parecidos também: o PeriferArte era uma casa alugada e depois passou a ser a casa de Juliana; a Casa Plural, que era a casa de uma das tias de Salviano cedida com humildade e afeto; ou ainda as casas e quintais de encontro teatral que pude conhecer nas viagens que fiz com a Trupe de Truões (sobre as quais falarei a seguir).

O segundo ponto é o choque entre minha empolgação inicial e a insatisfação em relação a mim ao fim das oficinas. Parecia absurdo pensar que não conseguia me sentir satisfeito ao final de nenhuma dessas experiências. Alguma coisa me dizia que eu havia fracassado. Em todas as propostas, iniciava as atividades com empolgação, mas logo perdia os grupos para o desinteresse e a monotonia. Eu identificava que isso se dava por minhas falhas como professor, condutor ou mediador de uma experimentação teatral.

Ainda sem identificar precisamente os elementos que me causavam o “fracasso”, desencontro minha trajetória para poder me reencontrar novamente. Começo a pensar que seria necessário quebrar minhas paredes e começar a me reconstruir. Afinal, eu estava vivendo experiências pedagógicas importantes, mas não agia de modo a transformá-las em algo significativo. A cada novo fracasso, eu apenas vivia o autoflagelo, mas não refletia sobre possíveis mudanças e sobre as causas daquela sensação. Não dava ouvido às pulguinhas da inquietação a fim de interrogá-las.

COM OS TRUÕES

O ano de 2016 foi repleto de experiências marcantes. Por indicação de Maria de Maria¹⁴, a Trupe de Truões¹⁵ me convidou a integrar o elenco do espetáculo Rapunzel.

¹⁴ Atriz e professora de Teatro; egressa do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Por saber de minha relação com a música, Maria me indicou como músico para o elenco. De antemão, Ronan me informou que o espetáculo fazia parte do repertório dos Truões e agora seria remontado, para voltar aos projetos de circulação. De início faríamos uma temporada de 20 apresentações por cidades do Triângulo Mineiro e das proximidades de Belo Horizonte. Para além das apresentações, eu também participaria das oficinas oferecidas pelo grupo nas cidades que receberiam o espetáculo.

A partir daquele momento eu viveria experiências práticas de como é o teatro de grupo, circular com espetáculo, a dinâmica de trabalho que está por detrás da cena – montagem, desmontagem, produção, ensaios, preparação, pesquisa e estudo etc. Por outro lado, o peso da responsabilidade começava a me pedir mais atenção e compromisso.

Destaco uma experiência específica: uma oficina que ministramos em Sete Lagoas, num intercâmbio de compartilhamento com os grupos de teatro da cidade.

Em nossa passagem por Sete Lagoas, tivemos a oportunidade de conhecer o espaço Casarão: um casarão muito antigo, hoje patrimônio e sede cultural da cidade de Sete Lagoas. Nesse espaço acontecem oficinas e apresentações artísticas, bem como instalações e intercâmbios culturais. Ao entrar no Casarão, nos deparamos com uma exposição de fotos, vídeos e pertences de Zacarias, falecido integrante dos Trapalhães. Eu fiquei encantado; não sabia que Zacarias era de Sete Lagoas e pude conhecer um pouco mais sobre sua trajetória artística dentro e fora da cidade, através daquela exposição (eu e minha avó adorávamos assistir os filmes dos Trapalhães).

Um lugar de muitos cômodos, grandes portas e janelas aos moldes imperiais. Ao fundo, fora do casarão, uma grande árvore guardava a chegada à Arena. O Teatro do Casarão era de fato um Teatro de Arena e, no palco ao centro, a projeção da voz era quase mágica: um suspiro poderia ser ouvido pela última fileira dos assentos. Um tom amarelado de fim de tarde, um tom quase alaranjado da noite a chegar. Era nossa primeira visita ao espaço em que apresentaríamos o espetáculo Rapunzel e aonde conduziríamos alguns jogos de interação para abrir a roda de conversa no intercâmbio com os grupos de teatro locais. A Preqaria Cia de Teatro foi uma das companhias que nos recebeu em Sete Lagoas e participou desse intercâmbio proposto pelos Truões.

¹⁵ A Trupe de Truões é um grupo de teatro sediado em Uberlândia-MG. É um dos Pontos de Cultura da cidade de Uberlândia-MG com reconhecimento do Ministério da Cultural e Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais.

Nesse dia de encontros, de compartilhamentos, pude conhecer um jogo que se tornaria disparador para minhas atividades pedagógicas futuras e do início desse memorial: a Linha da Vida. Quando pergunto aos Truões Laís¹⁶ e Ronan¹⁷ sobre a origem do jogo, eles me revelam que conheceram em outras atividades de intercâmbio com outros grupos teatrais. Não sabemos se esse é realmente o nome do jogo, mas assim o conheci, assim o acolhi em minhas práticas:

– Duas fileiras de pessoas em paredes opostas da sala. Cada jogador tem seu parceiro, correspondente à pessoa da outra fileira em sua frente. A primeira dupla conecta-se pelo olhar e caminha até o centro da sala, onde está delimitada a linha da vida, do início ao fim do espaço. Conectados pelo olhar, a dupla caminha até o fim da linha. Chegando ao final, vão para o último lugar de suas respectivas fileiras. Nos próximos passos do jogo, as duplas podem começar a experimentar pequenos diálogos cotidianos sobre suas vidas, formas diferentes de caminhar (guiar e ser guiado pelo parceiro, diferentes relações de contato corporal, ritmo etc.), finalizando as experimentações com uma despedida do seu parceiro – com um abraço, uma música ou apenas o silêncio no olhar.

Este jogo me pareceu fantástico. Era perceptível que no início os participantes se sentiam constrangidos, ou resistentes em permitir-se conectar aos parceiros. Mas com o fluir do jogo e, principalmente, a descontração dos jogadores em sentirem-se à vontade para se expressarem, momentos de troca vinham à tona. Algumas pessoas apenas queriam manter o contato olhos nos olhos, comentando na roda de conversa que esses momentos são escassos e que no fazer artístico o encontro é essencial. Novamente o encontro começa a me inquietar. Então me lembro que, ao fim das apresentações de Rapunzel, Ronan sempre fazia uma fala de agradecimento em que dizia:

– O teatro só acontecesse no encontro com o público.

A palavra encontro começa a tomar grande espaço nos meus pensamentos, me instigando a compreender melhor seu significado para mim. Eu encontro, Tu encontras, Ele encontra, Nós encontramos, Vós encontrais, Eles encontram: tudo isso na arte, tudo isso no Teatro.

O encontro parece ser o elemento chave para começar a entender minhas inquietações com a prática docente. Adoto o jogo Linha da Vida como ponto de partida

¹⁶ Atriz, professora de Teatro e gestora de projetos da Trupe de Truões; egressa do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

¹⁷ Ator, professor de Teatro e coordenador pedagógico da Trupe de Truões; egresso do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

para pensar as experiências artístico-pedagógicas como um encontro; adoto a Linha da Vida para pensar o Teatro como encontro; adoto a Linha da Vida para pensar meu encontro com minha trajetória.

No momento desse intercâmbio em Sete Lagoas, a oficina em Tupaciguara já havia acontecido, minha oficina COMUFU no PeriferArte já havia terminado sua etapa em parceria com o estágio, outras oficinas realizadas na temporada Rapunzel de 2016 já haviam também acontecido. Comecei a refletir sobre os motivos de meu desgosto com a licenciatura. Já estava começando a trabalhar meu pré-projeto de TCC e, ao pensar sobre um tema, decidi pesquisar essa inquietação. Durante a graduação vivi em pé de guerra com o “ser professor” e, frustrado pelas sensações de fracasso constantes nas experiências, decidi me desafiar. Não queria terminar o curso de Teatro me sentindo incompleto:

– Não é possível que vou me formar em Licenciatura tendo essa desavença com ser professor.

Então escolhi a experiência que mais me desafiou, que mais me trouxe reflexões e inquietações sobre o artista-docente e, principalmente, sobre a minha construção enquanto mediador de encontros com o Teatro: minha oficina COMUFU no PeriferArte.

Nesse momento, percebo alguns degraus avançados na minha formação: se inicialmente eu não gostava das experiências pedagógicas ou de pensar o ensino de Teatro, agora eu me desafiava a aprimorar minha prática, pesquisando, compreendendo e transformando meu ser/estar professor. E é sobre isso que venho falar.

Tudo pelo desafio, tudo isso pela sensação de que faltava algo. E confesso que me percebo guiado pelos desafios, antes respaldados em curiosidade: a escolha em fazer teatro sem saber ao certo do que se tratava, a escolha de pesquisar um tema que me completasse em minha formação, a escolha de permanecer no teatro mesmo querendo nunca tê-lo conhecido.

CAPÍTULO TRÊS SOBRE OS APERREIOS DE QUANDO ARROCHA O NÓ

Quando a luz dos olhos meus
 e a luz dos olhos teus
 resolvem se encontrar
 Ai, que bom que isso é, meu Deus
 que frio que me dá
 o encontro desse olhar [...]
 (VINÍCIUS DE MORAES, 1960).

Quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar, sinto um convite para o agora, uma força estranha que chama o sentir para o encontro que se faz vivo e latente no eu, no tu, n'ele, em nós, em vós e n'eles. Porque o encontro está para todos e é: o Encontro é.

Durante minha oficina COMUFU no PeriferArte, escolhi trabalhar a partir da ideia de Encontro como um procedimento de trabalho. Assim, eu me colocaria em prontidão para a conectividade proposta pelo encontro de personalidades, trajetórias e expressividades na experimentação teatral. Para completar a proposta, adoto – em teoria – a postura do professor-jogador para nortear minha ação como condutor da experimentação. Alguns professores do curso de Teatro – Tom Menegaz, meu orientador do Estágio Supervisionado III; Paulina Caon e Getúlio Góis, meus orientadores nos Estágios I e II – já haviam comentado comigo sobre o elemento performativo da minha presença como propositor de um jogo. Tanto na comunicação verbal quanto na corporal, comentaram que minhas ações ajudavam a instaurar um estado de prontidão, concentração e conexão com o grupo. Assim, decidi investigar um pouco mais esse professor que é parte da experiência, está em jogo durante todo o encontro, pensando mais a ideia de mediador da experiência do que portador do conhecimento absoluto.

Partindo da noção de iniciação ao Teatro, proponho jogos teatrais de consciência espacial, expressão e percussão corporal, bem como jogos de improvisação do fichário de Viola Spolin¹⁸. O primeiro encontro aconteceu em 13 de setembro de 2016 (terça-feira) com a presença de nove jogadores dispostos a participar da oficina. No decorrer dos encontros que aconteciam nas terças e quintas (dois dias por semana), havia sempre

¹⁸ Viola Spolin foi educadora de teatro, diretora e atriz reconhecida internacionalmente por seu procedimento de trabalho “Jogos Teatrais”. Fundou, em 1946, a *Young Actors Company* (Companhia dos Jovens Atores) em *Hollywood* e, em 1965, o *Game Theater* (Teatro de Jogos) em *Chicago*.

um revezamento com a chegada de novas pessoas ou desistência de outras. Por encontro, variávamos entre oito e nove participantes, mas sempre em revezamento.

A Greve dos docentes, técnicos e estudantes da UFU foi deflagrada em 24 de outubro de 2016, o que consequentemente parou as atividades de estágio do curso de Teatro. Logo, nosso último encontro foi no dia 25 de outubro de 2016, em que conversamos sobre o início da Greve e o fim da oficina, falando sobre como foi nossa experiência até aquele momento.

Essa vivência me proporcionou inquietações, frustrações, reflexões e transformações. Mas, apesar de serem os elementos mais latentes, não foram as únicas eclosões do processo: por detrás de cada inquietação e frustração, havia um mar de expressividade artística, que infelizmente não obtive meu foco naquele momento por um distanciamento de minha parte. Distanciamento este que me tapou os olhos frente à manifestação de desejos do grupo, expressa no corpo e na voz durante as tardes teatrais.

Para falar da experiência e finalmente encarar meus fantasmas como artista-docente, proponho alguns recortes específicos dos encontros, tecendo reflexão sobre meu processo enquanto professor na oficina.

Mas quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos teus resolvem se encontrar, a responsabilidade é maior com esse encontro, pois se ele é escolha, de que receptividade e compromisso para com o outro e o eu estamos falando? O encontro é. Então como sou no encontro? Para falar sobre isso, eis um novo convite:

Terça-feira, 13 de setembro de 2016, às 12h20min na plataforma D do Terminal Central de Uberlândia, em frente ao ponto da linha T102 – Canaã. Por favor, não se atrase! Se não pegarmos o ônibus desse horário, sairemos só no de 12h50, e assim vamos chegar em cima da hora no PeriferArte. Estaremos juntos tão logo se permita encontrar.

ESTAMOS ACORDADOS?

Terça-feira. 13 de setembro de 2016. 13h10min. Chego no PeriferArte e encontro Bárbara terminando a limpeza do tatame. Começamos a conversar sobre como estavam nossas vidas: escola e faculdade, relacionamentos pessoais, reverberações das nossas apresentações do Farejador de Forró naquele ano. Assim foram os inícios

daquelas tardes, com Bárbara a limpar o tatame, eu chegando e com ela conversando sobre “coisas da vida”.

Ela também participaria da oficina COMUFU. Como eu havia feito pessoalmente a inscrição dos participantes na semana anterior, sabia quem eram os interessados. À exceção de uma pessoa, o grupo era formado por ex-parceiros e parceiras da quadrilha junina, pessoas com quem eu já tinha certa proximidade: como Gabriela, por exemplo, uma das parceiras de quadrilha que me recebeu no PeriferArte em 2015.

A fim de esperar o encontro começar, instauramos a primeira proposta de interação do grupo: meu telefone ficaria conectado à caixa de som para que, à medida que chegassem, os participantes pudessem escolher músicas de seu agrado para colocar na *playlist*. Essa *playlist* seria nossa ambientação sonora para o momento de chegada dos jogadores e espera do início do encontro.

Aqui percebo um primeiro truncamento entre teoria e prática da proposta: quando começa o encontro?

Gabriela foi a primeira a chegar. Eu estava deitado no tatame, ouvindo uma das músicas da *Banda Calcinha Preta*, que escolhi com a ideia de mostrar que poderíamos colocar músicas que realmente gostávamos, sem julgamentos. Abracei Gabriela e começamos a conversar sobre a vida – agora, os dois deitados no tatame. Comento com ela que poderemos escolher músicas que gostamos de ouvir no cotidiano para esse primeiro momento antes do encontro. Ela não se sente muito à vontade para propor alguma e prefere deixar tocando *Calcinha Preta*. Aos poucos os demais participantes vão chegando e acompanhando o mesmo fluxo de ações: primeiro nos abraçamos e começamos a conversar sobre a vida pessoal de cada um, deitamos no tatame, comento sobre a proposta musical do momento de espera e eles negam a proposta dizendo não se sentirem à vontade para mudar a música.

Olho no celular: 14h15min, estamos dentro do horário. Olho ao meu redor: nove corpos esparramados no tatame, encostados nas paredes, pernas para cima, olhos vidrados nos celulares, risadas e comentários sobre fulanos e ciclanos da escola.

– Bom pessoal! Vamos começar nosso encontro? Vamos ficar em pé e fazer uma roda aqui no centro do tatame.

Iniciamos uma sequência de alongamento, algumas caminhadas pelo espaço, como aquecimento e interação do grupo, reservando a metade do encontro para jogos de improvisação de cenas. Assim aconteceram nossas primeiras tardes de oficina no mês

de setembro, sempre pautados na chegada com a possibilidade de se escolher uma música para a *playlist* do dia, corpos compondo o espaço num clima de espera pelo encontro que vai começar, uma sequência de jogos e uma conversa final sobre “como foi aquele dia de oficina”.

Em nossa primeira roda de conversa, fizemos alguns acordos de grupo: o respeito com o espaço e com os colegas, o comprometimento e dedicação com as atividades da oficina, pontualidade e, um item muito ressaltado, a abertura de minha parte com relação a sugestões que o grupo fizesse de propostas artísticas para experimentarmos.

Ao fim dos encontros, terminávamos as rodas de conversa, arrumávamos nossas coisas, nos despedíamos e saíamos, cada um rumo à sua casa. Eu andava dois quarteirões para pegar o ônibus T102 na avenida principal e Gabriela me acompanhava até o ponto. Algumas vezes, outros participantes da oficina também me acompanhavam, fosse por seguirem o mesmo caminho, fosse apenas para “jogar conversa fora”.

E então surge outro questionamento: quando termina o encontro?

Acreditava que o encontro começaria quando estivéssemos em roda, prontos para dar início aos jogos. Refletindo hoje sobre a experiência, repenso a ideia de chegada e partida para tecer outras perspectivas sobre encontrar.

Ao chegar no espaço, o primeiro encontro já acontece: eu e o espaço. Por mais conhecido que aquele lugar seja, por mais conhecidas que sejam aquelas pessoas, cada novo elemento que adentra o espaço, propicia um novo encontro. E o movimento é de grandes proporções. A maneira como recebo as pessoas que chegam ao espaço, instaura a qualidade de presença que eu espero para aquele dia. Nós nos recebíamos com abraços, sorrisos e conversas, mas esses elementos tão ricos e tão presentes em minha trajetória eram abandonados por mim na ânsia em me colocar como professor.

Éramos amigos no cotidiano de encontros, seríamos agora participantes de uma experiência teatral mediada por mim. Porém, preocupado em massificar a forma, propus um distanciamento abrupto da figura que eu apresentava ao grupo: somos amigos fora do jogo, somos professor e atores dentro da oficina – sempre os extremos. Parecia incoerente: até 14h14 estávamos rindo, esparramados no tatame; mas, de súbito, a situação mudaria e teríamos de nos afastar como se eu incorporasse outra pessoa para assumir a condução das propostas.

Como aproveitar as ações que eles já manifestavam – como a necessidade de conversar sobre coisas do cotidiano, sobre relacionamentos pessoais? Por que não dar espaço para isso nos jogos?

O que automaticamente me faz pensar no planejamento: ele de fato aconteceu?

Diferente do que havíamos acordado em nosso primeiro encontro e sem abertura para as propostas artísticas do grupo de participantes, insisti no planejamento deixando passar as indicações que o próprio grupo dava daquilo que gostariam de aprofundar nas experimentações. “Dormi no ponto!”

Meu olhar estava voltado para o meu agrado ou desagrado em relação ao que estavam fazendo. Quando conduzia o grupo numa improvisação de fotografias, imagens estáticas que compunham um possível cenário, eu orientava os jogadores a conseguirem realizar as imagens de acordo com a minha ideia de “bom”. Isso esfriava o grupo, ficavam sem compreender o que realmente devia ser feito ou porque estávamos fazendo aquilo.

Aqui começo a buscar maneiras de estimulá-los a chegar ao lugar esperado por mim. Desde o início da oficina me propus a participar ativamente dos jogos, fazendo parte da roda e experimentando também as propostas. Um condutor desde dentro do jogo. Um jogador. Apoiado nisso, começo a pensar que, ao invés de estimulá-los com palavras, com comandos que acabavam se amontoando e tornando a condução dos jogos verborrágica, meu corpo poderia ser um estímulo mais direto.

AMONTOADO

O jogo é democrático! Todos podem aprender jogando! O jogo estimula vitalidade, despertando a pessoa como um todo – mente e corpo, inteligência e criatividade, espontaneidade e intuição – quando todos, professor e alunos unidos estão atentos para o momento presente.

(SPOLIN, 2007, p. 30)

Jean-Pierre Ryngaert¹⁹ (2009) escreve sobre “o que o formador não é... ou” o que ele deve ser “o menos possível”, comentando características da *performance* desse docente (p. 247). Dentre as escolhas que fiz – muitas vezes inconscientemente – como propositor de jogos na oficina, pude experimentar algumas dessas características, hoje vistas por mim como elementos de um artista-docente que não pretendo ser e no qual não acredito. A seguir, compartilho alguns momentos em que isso ocorreu como parte de minha reflexão sobre esse processo.

– Vamos formar uma roda no centro do tatame. O primeiro jogador propõe um movimento e um som. É uma curta partitura. Então todo o grupo vai repetir essa proposta. Quando o segundo jogador propor, nós vamos fazer o movimento e som do primeiro proponente e, depois, do segundo. Aí seguimos a sequência de jogadores amontoando todas as propostas, repetindo todos os movimentos e sons na ordem em que foram realizados.

Esse é um jogo que conheci no Grupo de Pesquisa em Máscaras – do qual faço parte desde 2015 – coordenado pela prof.^a Vilma Campos no curso de Teatro da UFU. Foi um dos jogos que mais fizemos na oficina, aliando a ele propostas de percussão corporal durante as experimentações. Logo no segundo encontro, começo a por em prática minha presença mais ativa nos jogos, com a intenção de me aproximar do grupo, deixá-los mais à vontade – a meu ver, participando também das propostas que, num primeiro olhar do grupo, podem parecer ridículas. Alguns dos participantes chegavam a comentar nas rodas de conversa sobre esse “ridículo”. O grupo comentava sobre a dificuldade em se expor nesse contexto considerado ridículo, seja pela necessidade de estar sempre visualmente belo para agradar as pessoas ao nosso redor, seja para facilitar sua conquista de espaço no meio social: escola, shopping, festas de amigos, na rua etc.

¹⁹ Jean-Pierre Ryngaert é professor de Estudos Teatrais na *Université de Paris III*. Diretor teatral e teatrólogo, é um dos responsáveis pela “Mounsson d’Été”, festival anual de teatro contemporâneo na França.

Imaginava que me colocar em jogo e realizar com eles as propostas poderia ajudá-los a se expressarem sem esperar por julgamentos, pois sentia que se acanhavam por acreditarem, que eu poderia julgá-los na qualidade de suas experimentações.

A partir dali, ao invés de usar palavras de comando (como “maior”, “mais exagerado”, “mais alto” etc.), eu experimentava no meu corpo a qualidade da ação esperada por mim. De fato isso ajudou o grupo a se sentir mais à vontade. Numa de nossas rodas de conversa, uma das participantes fala que ver o “professor” jogando e se expondo tira um pouco da ideia de que eu seria o olhar crítico que diria apenas se algo estava bom ou ruim, facilitando a entrega de cada um e instaurando um clima mais leve e descontraído.

Apesar de me assumir jogador nas propostas, a intenção de minha participação ainda era exemplificar com que qualidade e intensidade os jogadores deveriam realizar o jogo. Esse foi um passo em falso que começou, de fato, um amontoado de falhas na condução das experimentações.

Com o grupo agora mais descontraído e participativo, passei a ser um “Professor Exemplo” durante os jogos. Todos ficavam atentos a como eu fazia minhas experimentações para reproduzirem aquilo que viam e ouviam. Aqui, os jogos começaram a perder o caráter de experimentação para embarcar numa reprodução descontrolada das coisas que eu fazia.

Até mesmo durante as caminhadas pelo espaço alternando velocidades, o grupo acompanhava a minha caminhada, quase num jogo de siga o mestre. Quando a proposta era experimentar o contato do corpo com o chão, pesquisando no próprio corpo os apoios e possibilidades de imagens num fluxo de movimento, eu percebia que estavam todos atentos a mim como se esperassem que eu dissesse qual parte do corpo poderiam trabalhar: se eu estava investigando o contato de minha cabeça com o chão, pouco a pouco o grupo começava a movimentar-se na mesma proposta.

Durante a oficina não percebi que esse movimento de reprodução estava acontecendo. Para mim, eles estavam mais engajados e realmente aproveitando as proposições.

Então decidi avançar, propondo agora mais jogos de improvisações. Desde as propostas de Viola Spolin, com seus jogos de “Onde, Quando e Quem”, até o Teatro Esporte. Mas tudo sempre feito só por fazer. Naquele momento, percebi que não estava planejando os objetivos para os encontros. Tinha sempre uma lista com oito ou nove jogos, que eram todos realizados num período de 3h. Jogos que conheci nas aulas do

curso de Teatro, no Grupo de Pesquisa em Máscaras, nas oficinas pontuais das quais participei e em livros ou vídeos sobre Teatro: uma gama de propostas sem um objetivo pré-estabelecido por mim, a não ser entreter o grupo e não deixá-los pensar que a aula estava chata.

Dentro desse amontoado de situações com falhas na condução, a ausência de um planejamento concreto – com uma sequência de trabalho, objetivos previamente pensados, ou de qualquer pesquisa sobre o desenvolver dos encontros e as experimentações do grupo – foi um agravante para o descarrilho do meu ser professor naquele momento.

Apesar de reproduzirem meus passos nas propostas, o grupo reverteu a empolgação inicial da descontração em constatação de que não conseguiriam chegar no lugar esperado por mim. Começaram a perceber que eu intensificava minhas ações, exagerando muito nos jogos e explorando ao máximo o ridículo para que eles pudessem fazer “igual”. Além dos corpos encolhidos, olhando ansiosos para mim à espera do que deveria ser feito, alguns participantes comentaram essa questão em uma roda de conversa. Disseram que não conseguiam realizar muito bem as propostas e ficavam um pouco sem graça de participar do jogo, porque tinham “vergonha da qualidade do que faziam, comparada à qualidade do que eu fazia”.

Isso tudo se passava no final do mês de setembro, por volta do 6º encontro. Eles chegavam ao espaço de trabalho cada vez mais desanimados, corpos cansados sendo arrastados para uma obrigação, vozes desanimadas perguntando se poderíamos terminar mais cedo antes mesmo do encontro começar. Desculpas começaram a surgir para as faltas, pedidos de cancelamento dos encontros começaram a aparecer: “o que posso fazer agora?”.

DESFIANDO A LINHA DA VIDA

Hora de começarmos a tocar a poética da vida, encontrar nas relações e no próprio encontro a potência artística que já existe em nós. Pelo menos, essa era a intenção ao trazer para a oficina o jogo Linha da Vida, que conheci nas andanças teatrais com a Trupe de Truões.

Olhos nos olhos, concentração, conexão, acolher e ser acolhido: questões muitas vezes complicadas de se trabalhar devido às barreiras de cada um, principalmente ao se tratar de olhos nos olhos de outras pessoas.

No primeiro encontro de outubro, pulamos a parte do alongamento a partir das articulações – que o grupo disse ser chata – e fomos direto para a Linha da Vida. Outro clima se instaurou: apesar de apreensivos, os corpos inquietos revelavam uma ansiedade em poder encontrar o parceiro de jogo para tecerem suas linhas.

Dando seguimento à ideia de ser um professor-jogador, me coloquei em experimentação. Estranhamente o grupo pediu que eu fosse o primeiro da fila. Percebi que a espera pelo exemplo estava mais uma vez conosco. Mas a primeira etapa seria muito simples: caminhar até o centro do tatame frente à minha dupla e, sempre mantendo a conexão pelo contato visual, caminharmos até o fim do espaço. Pensei que, pela sutileza da ação, o grupo não se sentiria desencorajado pela minha participação. Realizamos essa primeira etapa com êxito e sem complicadores, mas não escapamos no passo seguinte.

Na segunda rodada da Linha da Vida, a proposta era encontrar o parceiro no centro e, caminhando juntos até o fim do tatame, manterem o contato visual e improvisarem uma conversa cotidiana. As dificuldades de se iniciar uma conversa surgiram. Por vezes, apenas riram no percurso. Sem entender que isso fazia parte do processo, que rir faz parte e é um primeiro passo, comecei a pedir concentração e foco no jogo. Logo as risadas pararam, os corpos travaram e, pressionados em fazer o que eu estava “mandando”, não conseguiam sair do “Oi, tudo bem? Tudo bem.”.

Como havíamos trocado os parceiros para a segunda rodada, não tivemos tempo sequer de estabelecer um laço mais concreto com nossas duplas. Trocar os parceiros foi uma ação que quebrou a possibilidade de construção de um vínculo, de amadurecimento do encontro no processo de investigação dessa proposta.

Chegou minha vez na fila e, na intenção de exemplificar como eles poderiam fazer, comecei um diálogo tentando perguntar sobre coisas de escola, sobre almoços de família, sobre ensaios e apresentações do Farejador de Forró. Parecia mais um monólogo: minhas longas perguntas eram respondidas por minha dupla com no máximo três palavras, sem que ela pudesse também desenvolver a conversa e estabelecer uma relação de diálogo.

Sempre com expressões descontraídas, às vezes usava alguns palavreados (irmã, irmão, meu jovem, criatura, “carai”, “porra”, “miséria” etc.) como é de meu costume

usar no dia a dia: o grupo se descontraía e caía na risada. Isso acabou os deixando mais leves e propositivos. Porém, a partir daquele momento, os jogadores pediam que eu comesse toda proposta de jogo ou experimentação que eu conduzia como uma maneira de descontração do grupo. Isso foi o que me pareceu de início, mas ao longo dos três primeiros encontros de outubro percebi que a questão era outra: eu começava a ser um “Professor Atração”.

Fosse na Linha da Vida, no jogo Amontoado ou nas improvisações de cena, o grupo parava para assistir minha *performance*. Comecei a não ser mais o primeiro a jogar, esperando que isso ajudasse a tirar o foco de mim; mas, quando chegava minha vez, a condução descompromissada e o caráter de entretenimento das brincadeiras que eu fazia acabavam levando os jogadores a pararem para me assistir.

Começaram a dizer que não queriam realizar as propostas sem que eu fizesse primeiro. Começaram a dizer que queriam me ver “fazer o ridículo”, que era engraçado e que eles gostavam de assistir. Assim, o grupo não mais queria participar das atividades a não ser para me ver performar o ridículo que lhes agradava.

Sem entender muito bem o que estava acontecendo, sem saber dizer como deixei aquilo acontecer e quais eram as minhas falhas naquele processo, recorro ao extremo de destruir a relação de jogo e encontro que minimamente tinha sido tecida até aquele momento.

No dia 18 de outubro de 2016, que seria nosso último encontro antes da deflagração da greve, chego ao espaço e não coloco nenhuma música para tocar: ficamos eu e o silêncio aguardando o grupo. Exatamente às 14h começamos o encontro com uma roda para retomar os alongamentos e iniciar os jogos de improvisação, dessa vez visando à criação de cenas. Direto e sem permitir brincadeiras dispersivas, escolho precisamente cada palavra usada na condução das propostas, mas sempre num tom frio e exigente. Sinto-me quase um “Professor Carrasco”, um diretor com postura de superioridade.

Ao perceberem que não teriam abertura para brincadeiras e descontração – que à época eu chamava de dispersão –, os participantes começaram a desistir de fazer as propostas. Estávamos ainda no segundo momento do encontro, explorando o contato corpo e chão, quando os primeiros jogadores começaram a “murchar” seus corpos. Não foi preciso que verbalizassem seu desinteresse na atividade: seus corpos cansados e acuados me diziam que não queriam fazer aquilo.

Insistente e perseverante na ideia de que entenderiam a necessidade de se empenhar e “levar a sério” as proposições, me mantenho firme nas palavras de comando: “concentração”, “atenção”, “silêncio”, “vamos!!!!”, “rápido”, “maior”. Cada palavra suscitava o efeito reverso. Num repente, misto de desespero e frustração, parei, observando o grupo disperso, encostado nas paredes, mexendo em celulares, alguns poucos ainda me olhando e esperando alguma indicação de próximo passo. Interrompi a experimentação sem nem lembrar em que ponto estávamos e os convidei a formar uma roda para conversarmos.

QUANDO O PROFESSOR PERDE A PARTIDA

Éramos dez pessoas numa roda de conversa. Mais ou menos 15h15min. Um clima de tensão cobriu nossos corpos naquele momento. Eu comecei a desmanchar meu corpo e minha voz de “carrasco”; abandonei de lado os artifícios de atração; desisti de ser o exemplo para a reprodução e, nu nas minhas frustrações, percebi que havia perdido a partida.

Contei ao grupo sobre minhas dificuldades em lidar com a licenciatura nas experiências de Estágio, falei sobre o porquê de ter escolhido o PeriferArte como lugar para me reinventar na experiência de ser professor e falei sobre o sentimento de fracasso que estava comigo naquele ponto da oficina.

Perguntei aos participantes – amigos na vida, no bailar das festas juninas – o que eu estava fazendo de errado; o que eu deveria fazer para conseguir não fracassar. Nós nos abraçamos. Não quiseram falar muita coisa, a não ser dizer que eu não era um professor ruim, que eu não era um fracasso, que era apenas parte do meu processo de aprendizagem. Me abraçaram. Decidimos finalizar o encontro naquele momento e fomos juntos rumo ao ponto de ônibus. No caminho, conversamos sobre o passado, sobre tudo aquilo que nos faz crescer em nossas experiências e transforma nosso ser no mundo. A minha Linha da Vida estava sendo compartilhada com os adolescentes do PeriferArte no curto trajeto da ONG até o ponto de ônibus. A Linha da Vida deles também estava sendo compartilhada comigo, suas experiências com a música, com o teatro, com a dança e a capoeira: estávamos falando da arte, da vida, de viver a experiência.

T102. 16h da tarde. Volto para o bairro Santa Mônica obstinado em desistir do Teatro. Uma tarde que se estende em lágrimas. O drama nosso de cada dia.

No dia 25 de outubro tivemos ainda um encontro para conversar sobre o fim da oficina devido à greve. O grupo se organizou para comprar refrigerantes, biscoitos e pães de queijo. Sentados no tatame, conversamos um pouco sobre nossa experiência na oficina COMUFU.

Ao perguntar a eles sobre as impressões e inquietações que surgiram relativas ao meu ser/estar professor, expuseram alguns comentários que confrontavam minha sensação de fracasso. De uma maneira geral, o grupo comentou a importância da minha participação ativa nos jogos; a percepção do meu corpo presente nas ações os convidando a se permitirem experimentar também; o meu estado de atenção e conexão com cada um – seja na fala, nas ações, na hora de receber ou me despedir dos jogadores.

Falaram também sobre minha angústia visível; que, apesar de não demonstrarem, conseguiam ver que em algumas situações eu estava tenso e refém da minha autocrítica. Pediram que eu fosse paciente comigo. Disseram que eu era uma pessoa muito receptiva e que minha companhia inspirava amizade e boas energias de troca. Agradeceram a oportunidade de conhecerem um pouco mais de seus próprios corpos durante as experimentações, de viverem um pouco mais de teatro, de poderem se encontrar naquelas tardes para escapar das pressões do dia a dia e se sentirem um pouco mais livres no mundo. Pediram que eu me lembrasse da música que fiz para o Farejador de Forró quando os conheci e passei a fazer parte da família PeriferArte. Antes de irmos embora para casa, começaram a cantar a música e saímos cantando juntos a marca do nosso primeiro encontro pela arte:

Tem flor!

Cada flor tem a sua alegria, a flor é a cor.
Cada cor tem a sua mania, seu jeito, seu toque de amor.
Assim é a flor, assim também sou.

Tem flor!

Cada flor tem um cheiro, um abraço, um sorriso, aperto de mão.
E na simplicidade da vida a flor toca meu coração.
Pela imensidão também me faço flor.
Tem cheiro de saudade de alguém que já se foi,
Perfume de alegria por alguém que vai chegar:
A esperança de quem não desiste nunca
Porque tem no coração o dom de amar.
É o aconchego do inverno pra quem se apaixonou.
Vencendo a timidez, a flor é uma forma de amor.
Tem cor de lágrima, de sonho, de verdade, de alegria, de saudade:

Toda cor tem sua flor.
É a vida. É o sonho. Sobrevive. Acredita que pode vencer.
É um beijo. Um sorriso. E existe. Mesmo triste não perde a fé.
E encanta a Terra. E pinta aquarela.
Enfeita os jardins, enfeita os corações. E viva o amor.
Mais! É bonita e deixa tudo mais bonito.
De ponto em ponto a flor me leva ao infinito.
Entre as flores que enfeitam a vida está um Farejador de Forró.
Um Farejador.
(LUCAS MALI, 2015.)

Apesar dos meus dramas rotineiros, nada foi em vão. Tudo é essencial em nossos ciclos na vida. A experiência que mais me atordoou em frustrações foi o primeiro passo para a reflexão e transformação do meu ser/estar artista-docente.

Naquela tarde, as vozes cantantes ressoaram no meu pensamento, caminharam pela minha memória e despertaram uma sensação de novo ciclo no meu ser. Ser professor! Que professor quero ser? Começava um movimento de transformação. Uma sensação de que eu precisava me desfazer para me reconstruir.

DO SOM DAS MEMÓRIAS AO TOM DOS CAMINHOS

[considerações finais]

Após estas narrativas e reflexões, preciso de alguns minutos de respiro calmo para entender que ainda há muito a se viver e descobrir em minhas andanças. Pincelar os *flashes* de memória que estão em meu pensamento e em meu corpo, enfrentar as dificuldades e inquietações na minha relação com a arte de ser professor, abraçar minhas experiências como potência transformadora na minha formação como ser humano e artista-docente: esse é só o primeiro passo.

Esse trabalho se faz importante pela oportunidade de lançar um olhar sensível para minha trajetória e me encorajar a ser um professor melhor, assumindo minhas relações cotidianas com o Teatro e a docência como oportunidades de experimentar novos caminhos na busca pelo meu crescimento – e, claro!, de fazer Teatro.

Estar professor de uma oficina, ser mediador do encontro com a arte teatral é de uma responsabilidade para além da estética cênica: é um compromisso com minha trajetória e a de meus companheiros de navegação. Porque navegar na experiência do Teatro é navegar ao encontro de si e do mundo. A arte teatral é o navegador e através dela podemos ampliar nossa percepção, escuta e conhecimento sobre a vida, o ser humano e tudo que é trajetória.

Identificando minhas questões com relação à licenciatura, principalmente a partir da oficina COMUFU no PeriferArte, escolho ser um “Professor-Jogador”. As reflexões tecidas são apenas um primeiro passo para o encontro com esse estado de entrega artística que propõe coletividade na vivência, galgando lado a lado os degraus das experimentações, acolhendo e sendo acolhido pelas trajetórias que compõem os navegadores.

As características do professor que pretendo ser partem da simplicidade e sutileza da vida. Ryngaert (2009) indica algumas posturas que caminham na direção oposta desse pensamento: entre as quais transitei. Quando me proponho a estar aberto às propostas artísticas do grupo, porém insisto em controlar até a expressividade de seus corpos, exigindo que sigam minha perspectiva do que é teatro, sou “um manipulador” exigindo que o grupo aja de acordo com meus objetivos pessoais e ignorando a coletividade (RYNGAERT, 2009, p. 251). Não satisfeito com a manipulação concreta dos caminhos da experiência, desago em um “Professor Exemplo” ou, segundo

Ryngaert, “Um modelo” que “incita os jogadores a imitá-lo e os desencoraja: jamais eles conseguirão” (p. 248) encontrar-se na experiência. O próximo passo foi me tornar uma “atração” que, após exemplificar excessivamente “o que e como deveria ser feito o que eu pedia”, me levou a desencorajar o grupo em nossa vivência, transformando-os em espectadores passivos ao entreterem-se com as performances do professor nos jogos.

Mas esse movimento tem suas raízes no planejamento (ou na ausência de um efetivamente elaborado), em que assumo uma postura perigosa que influenciou negativamente meu processo mais que as outras. Sem de fato refletir sobre meus objetivos na escolha dos jogos, sem desenvolver uma sequência que aprofundasse uma pesquisa nas propostas de experimentação, acabei escolhendo jogos aleatórios do meu agrado e que – eu pensava – também seriam do agrado do grupo. Não que os gostos devessem ser ignorados, mas acabei usando os jogos apenas como atrativos. Como se estivesse falando diretamente comigo sobre essa postura, Ryngaert descreve o “aprendiz de feiticeiro”:

Formado recentemente, ele lança, imperturbável, propostas de jogo que acabou de descobrir. Ele jamais calcula os riscos a que expõe os participantes e, em busca de novidade perpétua, segue em frente sem inquietar-se com os estragos. Mais ponderado, ele poderia enriquecer-se com experiências novas ou fazer avançar a pesquisa. Mas o caráter científico de um trabalho não lhe diz respeito. Ele reproduz exercícios que não assimilou e se apressa em procurar outros sem ter tido tempo de avaliar o interesse deles ou de insuflar-lhes um toque pessoal (RYNGAERT, 2009, p. 249).

Ao me ver debruçado sobre tantas posturas e sobre as consequências dessas escolhas, começo a pensar: ao invés de propor uma aula, por que não propor um encontro? Quebrar as barreiras que separam o professor de seus parceiros de experiência, principalmente desconstruindo a ideia de um ser que vai “passar” seus conhecimentos artísticos para aqueles que não sabem nada, como é o caso do Professor-Profeta (GALO apud RACHEL, 2013, p.25).

De acordo com Denise Pereira Rachel²⁰, “perfomar este papel geralmente pressupõe que o educador encare os alunos como tábula rasa, depósitos do conhecimento, incapazes de ter acesso a este sem o auxílio do docente” (2013, p.26).

²⁰ Graduada em Educação Artística – habilitação em Artes Cênicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/2003); Mestre em Arte Educação pela UNESP (2013). Atualmente é professora de Artes na rede municipal de ensino de São Paulo e integrante do Coletivo Parabelo de performance urbana. Também leciona no curso de Pedagogia da UniCeu/Unesp.

Em alguns momentos da oficina fui o “profeta” pregando sua palavra, sua leitura de mundo, exigindo a fé cega em troca da salvação. Porém, nenhum ser humano é uma tábula rasa, tampouco totalmente completa. Neste ponto, começo a entender o professor como um mediador da experiência teatral e, nesta condição, um artista-docente que “aproxima os estudantes do saber/fazer artístico através do diálogo, que pode representar uma busca por conciliar diferentes pontos de vista a respeito de um objeto (assunto, imagem, fato, ação)” (RACHEL, 2013, p.28). Este diálogo se dá na construção de uma relação recíproca de compartilhamento em que o grupo (professor e estudantes/jogadores) está aberto aos estímulos e provocações que emanam entre si. Em minha trajetória, as relações de compartilhamento construídas com o mundo e as pessoas do meu cotidiano foram essenciais para minha formação como ser humano e artista: nada mais justo que estejam presentes em meu ser/estar professor.

É então que a Linha da Vida ganha força, pois cada ser tem sua trajetória e o movimento artístico já acontece dentro e ao redor de cada um de nós. Esse é o verdadeiro encontro, esse é o movimento que preciso entender e receber com mais intensidade em minha prática como professor.

Não me esquecendo da força criativa que é o ser humano no mundo, por que não me dispor como jogador? Claro, isso não quer dizer que ser jogador se limita apenas a jogar diretamente os jogos propostos. Tenho pensado a relação professor e grupo como essa possibilidade de jogo, sendo um disparador de propostas que oferecem estímulos criativos ao coletivo, porém não ignorando os estímulos que são as próprias reações dos jogadores. Esses estímulos expressam caminhos da pesquisa pessoal e coletiva, demonstram os possíveis rumos de uma experimentação e eu, estando em jogo com o grupo, mantenho a relação de troca nesse movimento de ação e reação.

Para que essa relação aconteça e esses caminhos possam ser experimentados, é crucial que eu me dedique ao planejamento dos encontros, principalmente considerando essas reações e novas descobertas. Estudar os objetivos propostos e identificar as reverberações das propostas no grupo, bem como acompanhar as respostas à minha proposição: não posso e não quero “dormir no ponto”.

O fato de propor uma postura próxima de quem sou no meu dia a dia, de uma pessoa que gosta do riso, da descontração e da leveza das relações, não quer dizer que isso também não precisa ser pensado. Pelo contrário, a escolha de palavras e expressões durante a condução dos jogos, a limpeza e objetividade da verbalização de uma

instrução são elementos importantes no desenvolvimento e acompanhamento do processo (SPOLIN, 2007).

Refletir sobre isso não quer dizer que alcancei a perfeição. Levanto essas questões como desafios que me propus a viver em minha prática, entendendo cada nova experiência como uma oportunidade de transformação e aprimoramento. Talvez a chave seja não me cristalizar na forma e enrijecer o contorno da seiva. Refletindo sobre a proposta de Saviani (1996), dar um contorno fixo à seiva não me parece mais uma opção interessante. Senão o encontro não acontece, senão as trajetórias não se conversam: será apenas minha visão estética agindo sobre a oportunidade de me manifestar artisticamente a partir da direção de um grupo de pessoas. Mas também não posso deixá-la “a Deus dará”: para mim, a questão não é ter ou não ter um contorno e sim as características dos elementos que o compõem. Eu desejo que meu contorno seja aos moldes de um “Professor-Jogador” e minha seiva será sua matéria-prima que, assim como as experiências de minha trajetória, transforma-se e me transforma a cada nova experiência.

Para ser sincero, quanto mais sei, mais parece que nada sei. Quanto mais reflito sobre a experiência, mais acredito que um mundo de possibilidades, frustrações e transformações está à minha espera. Ainda fico confuso ao refletir sobre minha experiência no COMUFU no PeriferArte, tão recente e ao mesmo tempo tão distante dada a intensidade da reverberação em meu ser como um todo. Ao descrevê-la textualmente, sinto um exagero das situações narradas e das sensações reverberantes na minha reflexão. Percebo que as experiências vividas durante e depois da oficina, juntamente das reflexões por elas suscitadas, têm me instigado a exercitar um olhar sensível sobre todas as relações que permeiam meu cotidiano: faculdade; trabalhos; amigos; família; encontros cotidianos com desconhecidos, lugares, memórias e tudo o mais que me compõe. Talvez a intensidade da experiência e seus desdobramentos seja o próprio motivo da intensificação da lembrança.

Hoje consigo conversar melhor com a licenciatura, o que não quer dizer que já estamos totalmente abraçados, mas que percebo o ser professor como meu desafio de vida: um ponto reluzente na minha trajetória, de brilho intenso e torturante.

Começo meus primeiros passos como “Professor-Jogador”, experimentando a proposta do encontro, da trajetória e da coletividade como estruturantes dessa caminhada.

Às vezes deixamos nossas frustrações ofuscarem a beleza dos momentos, a beleza dos encontros. Acredito que esse é um movimento que faz parte da minha formação, mas sei que reencontrar a luz é minha grande conquista nessa experiência.

Vagarosamente e no tempo dos meus dramas pessoais, sigo bailando ao som das notas que me fazem música no mundo, a fim de me reencontrar com a potência artística da vida. Sigo ao encontro do tom dos caminhos percorridos e ao percorrer, sendo e estando transformação em mim e no outro, de mim para o outro, do outro para mim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RACHEL, Denise P. **Adote o artista não deixe ele virar professor**: reflexões em torno do híbrido professor performer. 2013. 177f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2013.

CAON, Paulina M. **Desvelando Corpos na Escola**: experiências corporais e estéticas no convívio com crianças, adolescentes e professores. 2015. 292f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**: práticas dramáticas e formação. Tradução: Cássia Raquel da Silveira. São Paulo: ed. Cosac Naify, 2009.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula**: um manual para o professor / Viola Spolin; [tradução Ingrid Dormien Koudela] – São Paulo: Perspectiva, 2007.

PUPO, Maria Lúcia de S. B. O lúdico e a construção do sentido. **Revista Sala Preta**, Universidade de São Paulo; São Paulo, v. 1, p. 181-187, 2001.

SAVIANI, Dermeval. Os saberes implicados na formação do educador. In: Bicudo, M.A.V. e SILVA Jr., C.A. (Orgs). **Formação do Educador**. EDUNESP: São Paulo-SP; p. 145-155, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. In: *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, 2007.

REFERÊNCIAS MUSICAIS

JORGE VERCILLO. *Que nem Maré*. Composição: Jorge Vercillo. Álbum: Elo; 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PEMo-a8jbFw>> Acesso em: 15 de junho 2018.

GIAN E GIOVANI. *O grande amor da minha vida*. Composição: Jefferson Farias / Nino. Álbum: Meu Brasil; 1998. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZZYCK-EzeIc>> Acesso em: 15 de junho 2018.

LUIZ GONZAGA. *Olha pro céu*. Composição: José Fernandes / Luiz Gonzaga. Álbum: São João na Roça; 1958. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JUyCfxpL8Ls>> Acesso em: 15 de junho 2018.

MARIA RITA. *Encontros e despedidas*. Composição: Fernando Brant / Milton Nascimento. Álbum: Maria Rita; 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CU6id0U2hGA>> Acesso em: 15 de junho 2018.

VINÍCIUS DE MORAES. *Pela luz dos olhos teus*. Composição: Vinícius de Moraes. Álbum: Bossa Nova Mesmo; 1960. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vGZSsQ17dws>> Acesso em: 15 de junho 2018.

DOCUMENTÁRIOS

PAULO FREIRE Contemporâneo. Direção: Toni Venturi; Produção Executiva: Sérgio Kieling. Por **TV ESCOLA**. Brasil, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5y9KMq6G8l8>> Acesso em: 15 de maio de 2018.

PRO DIA Nascer Feliz. Direção: João Jardim; Produção: Flávio R. Tambellini e João Jardim. Brasil, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu_I> Acesso em: 7 de maio 2018.